

ETHOS E OS MODOS DE DIZER: DISCURSO E IMAGEM DE SI EM SUAS DIVERSAS FACES

Daniel Siqueira Lopez Lago

Ethos Discursivo, obra organizada por Ana Raquel Motta e Luciana Salgado, oferece uma análise cuidadosa e provocativa dos modos de pensar o ethos empregados pela tradição lingüística, mais especificamente pela Análise de Discurso. Os textos se concentram nas idéias sobre o modo de operação do ethos em si, tomando temas como arte, política, auto-ajuda, sexualidade, humor, imprensa e ciência.

O argumento central que articula esses múltiplos registros é a forma de constituição de um *ethos* peculiar a cada gênero e cenografia discursiva, cuja lógica própria marca fundamentalmente as produções de sentido analisadas. Mas se engana o leitor que aguarda, no desenvolvimento da leitura, cursar um caminho sereno e previsível. Incontáveis esquinas, desvios e aquedutos o esperam. É exatamente esta falta de previsibilidade na seqüência da leitura que confere um caráter único a esta obra e a torna um rico manancial de idéias e abordagens sobre o conceito de ethos.

A referência à produção do ethos nos mais diversos textos de circulação pública anuncia uma espécie de eixo central do livro: a abordagem do ethos a partir do viés discursivo. Os artigos elencados nessa obra não objetivam, vale ressaltar, estabelecer uma delimitação dos territórios a partir dos quais anunciam, já que foram produzidos antes da proposta de organização da presente coletânea. Dessa maneira, as seções estabelecidas não correspondem a uma delimitação temática prévia, mas à implementação de análises que versam sobre os mais diferentes tipos de dados, abordados segundo a perspectiva do ethos.

Recobrando esse amplo cenário, a análise opera em seis partes. A primeira, sob o título “A noção de ethos discursivo”, funciona como uma espécie de introdução, onde se faz um histórico do desenvolvimento da noção de ethos e se apresenta um grupo de dificuldades ligadas ao conceito. A segunda parte, “Memória, criação e estilo”, relaciona o conceito de ethos a questões estilísticas e o insere no universo da

heteronímia e da forma, tendo como análise, por exemplo, a maneira que o tratamento editorial, ao interferir no modo como o texto se apresenta ao leitor, participa do processo de construção da imagem de si no discurso. Na terceira parte, “A Política e o dizer de si”, arte e política são analisadas à luz do ethos. “Identidade e corpos contemporâneos” é a quarta parte, em que textos humorísticos e de auto-ajuda se misturam com os processos éticos de produção de sentido. A penúltima parte, sob o título “Objetividade (im)possível – No jornalismo e na ciência”, propõe considerações sobre o modo de operação do ethos no espaço jornalístico, principalmente nos textos de divulgação científica. Por fim, “Polêmicas instituídas e deslocamentos de sentidos” apresenta artigos que refletem sobre as características do ethos nos debates envolvendo religião e ciência.

Ao longo da leitura, nos deparamos com informações e temas que se repetem em outras obras já publicadas. Porém, o livro não deixa de trazer algumas novidades. Entre elas, a presença de imagens de determinados *corpora* (como é o caso de publicidades analisadas), o que facilita a leitura e enriquece a reflexão teórica. A publicidade se mostra presente, também, através de uma comparação com um tipo de “ethos filosófico”, onde se mostra a diferença entre o modo como as propagandas exploram o ethos, em comparação com o modo como a filosofia o aborda. Neste ponto, ocorre o que se chama de “ethé híbridos”, como é o caso de uma publicidade que engloba, ao mesmo tempo, tanto o ethos rural como o urbano.

Para além da abordagem de textos cuja temática se mostra recorrente nos trabalhos em Análise do discurso (como é caso dos textos publicitários e literários), encontramos também estudos concernentes a questões voltadas para a ciência, que enfocam um ethos intocável: a arrogância e a pseudo-isenção da divulgação científica.

O livro também nos oferece análises de textos pouco comuns, como é o caso dos provérbios. Fugindo ao senso comum, a obra aborda o que se chamou de “provérbios alterados”, reelaborados de uma forma cômica, por meio da qual traços discursivos se mostram patentes. Neste ponto, encontramos conceitos como *Thesaurus* e *hiperenunciador*, através dos quais se analisa o modo como a subversão de provérbios famosos confere um tom de “autoridade” a esta “verdade anônima” e, ao mesmo tempo, veicula um novo tipo de ethos, agregando verdades, valores e conceitos de uma ordem diversa e nova.

Ainda no universo dos textos de humor, defende-se que há, no saber enciclopédico, um estoque de conhecimentos compartilhados por uma comunidade comunicativa. Neste inventário de conhecimentos, há um grupo de ações estereotipadas, cuja quebra de expectativa viabiliza o viés cômico almejado nas piadas.

Refletindo sobre as interseções entre ethos e estilo, vemos que, partindo-se da idéia de que tudo tem estilo, esta perspectiva pode ajudar na análise do modo como determinados sistemas de coerção semântica fundam o corpo do sujeito da enunciação. Neste ponto, a questão da heteronímia em Fernando Pessoa é central: a cada posição no campo literário corresponde um ethos distinto, tendo em vista que o autor português utilizou, pelo menos, setenta e dois diferentes nomes. No caso brasileiro, uma análise do ethos do discurso da crítica dos primeiros modernistas revela a presença de um estilo que aponta para itens negativos e para um certo modo de interação entre eles. Isto, como reflexo do efeito de inscrição do sujeito discursivo no campo do discurso da arte brasileira, em que os modernistas se inseriram através de uma espécie de “grito”, que revelava ethos e estilo peculiares.

Nos meandros da interseção entre arte e política, um estudo sobre os Racionais MCs revela a produção de um ethos que aponta para o rapper da periferia, mas de maneira a denotá-los enquanto seres empíricos no mundo. Neste ponto, cria-se uma tensão na teoria do ethos, o que é extremamente enriquecedor, ao se ressaltar a impossibilidade de se colocar o sujeito do discurso totalmente à parte da análise, uma vez que o que eles fazem em seu cotidiano é noticiado pela imprensa e objeto de exame atento por parte dos enunciatários.

Neste decurso, o estatuto da autobiografia coloca questões interessantes, já que, segundo se argumenta, a análise deste tipo de texto que versa sobre o *mesmo* reforça a idéia de que os sujeitos, em si mesmos, não são homogêneos. Da mesma maneira, ao se analisar a construção da identidade social de um “eu” tucano, percebe-se a coexistência de uma plêiade de “eus”, de forma que o produto que aparece ao analista do discurso se apresenta sob a forma de uma “subjetividade híbrida”, que, por sua vez, produz um ethos multiforme.

Sobre o universo dos discursos de auto-ajuda, o livro nos mostra a produção de um ethos diretamente relacionado ao homem otimista, determinado e confiante, conforme o viés individualista capitaneado pelas sociedades pós-modernas neoliberais. Na auto-ajuda, funcio-

naria o ethos do que se chamou de “individualismo possessivo”.

Um outro grupo de textos tem por foco a análise de textos midiáticos, não somente publicitários, mas também jornalísticos. Na verdade, talvez o grande interesse que se tem dado ao ethos nos últimos tempos se deva à força da mídia enquanto agenciadora da memória coletiva e produtora de estereótipos de mundos éticos, como na opinião de Maingueneau:

Podemos nos perguntar por que hoje o ethos suscita tanto interesse. Evidentemente, tal retorno está em consonância com o domínio das mídias audiovisuais: com elas, o centro de interesse deslocou-se das doutrinas e dos aparelhos que lhes estavam ligados para a apresentação de si, ao “look”; fenômeno que Régis Debray, por exemplo, teorizou em termos de midialogia (MAINGUENEAU, 2006, p. 52).

No decurso da análise de textos jornalísticos, argumenta-se que o *modo de dizer* do sujeito jornalista revela um tom austero, que anuncia um ethos do homem detentor de verdades inquestionáveis, de um saber formal, intelectualizado, que não somente legitima sua fala mas que o autoriza a ironizar tudo o que considera menor. Revela-se, aqui, através do tom assertivo da enunciação jornalística, a produção de um fiador que se mostra conformado com o paradigma da objetividade e isenção jornalísticas.

Além de incorporar as palavras de outrem, o jornalista é capaz de colaborar para a construção do ethos de entrevistados. Ao citar a fala do entrevistado, com uma pretensa busca por isenção, o jornalista segue os manuais, ao reportar a fala do outro tentando mimetizar, inclusive, o tom utilizado. Todavia, em outras ocasiões, os comentários dos jornalistas apropriam a fala dos entrevistados através de um tom diverso daquele das respostas, o que gera uma nova forma de interação e contribui para a gênese de um ethos não tão previsível.

Dessa maneira, a reflexão teórica desta coletânea, ao ocupar um lugar central nos diversos artigos que compõem o livro, permite redimensionar o que se entende por ethos, além do modo como ele opera e de que maneira este conceito se relaciona com as mais diversas formas discursivas de produção de sentido. Esse redimensionamento é, sem dúvida, uma das contribuições mais importantes do trabalho, pois permite a utilização não ingênua desta importante ferramenta de análise.

Agrada ao público acadêmico a publicação de uma obra cujo

tema central é o conceito de *ethos*, já que, no mais das vezes, o assunto de apresenta escondido em seções de artigos, o que faz da atividade do pesquisador um incansável trabalho de garimpo. Além disso, ao contrário do comum, é uma obra produzida no Brasil e composta quase que em sua totalidade por autores brasileiros, de maneira que a produção nacional sobre o tema são só é divulgada, mas encorajada.

No trabalho de Ana Raquel Motta e Luciana Salgado vemos combinados a escolha de um problema relevante para o universo dos fenômenos discursivos, o domínio de um quadro teórico complexo e o rigor analítico que exige o retorno e a revisão da teoria, constituindo-se, por isso, no tipo de trabalho que deveria servir de parâmetro para a pesquisa aplicada.

REFERÊNCIA

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). *Ethos discursivo*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008. 272 p.